



Volta à sala de aula será híbrido entre presencial e online

Para especialistas, pandemia trouxe aprendizagens que devem ser incorporadas no funcionamento das escolas

Manoella Smith

SÃO PAULO O retorno às salas de aula não pode esperar o surgimento de uma vacina e, enquanto a imunização coletiva não é realidade, as escolas precisam adotar protocolos rígidos de higiene e pensar num sistema híbrido de ensino, com atividades presenciais e online.

Essa é a visão dos especialistas que participaram do seminário Escola do Futuro, nos dias 6 e 7 de julho. O evento, realizado online pela Folha, foi patrocinado pelo SAS Plataforma de Educação. A mediação foi da jornalista Laura Mattos, colunista da Folha.

Como pontuou Claudia Costin, ex-diretora de educação do Banco Mundial, a logística de retorno às escolas será complexa uma vez que, mesmo com o achatamento da curva, o risco de contaminação ainda existirá. "Vamos tomar cuidados sanitários imensos, entre eles, dividir as turmas, adotar rodízio de alunos e caminhar no sentido de um ensino híbrido construído com base no que se aprendeu na pandemia."

Dentro da nova lógica descrita por Costin, Mozart Ramos, do Instituto de Estudos Avançados da USP de Ribeirão Preto, afirma que estamos diante de um novo conceito de estudante. "Vamos ter o aluno de tempo integral: em um período, ele vai estudar na escola e, no outro, fará um conjunto de atividades não-presenciais, mas articuladas com aquelas feitas na escola. A integração vai ser o futuro."

Mozart também é membro do CNE (Conselho Nacional da Educação), órgão colegiado ligado ao Ministério da Educação, que tem atribuições

normativas e deliberativas. O conselho vem assumindo protagonismo na definição de orientações para as redes de ensino. Na terça-feira, dia do segundo debate do seminário, deliberou um parecer com diretrizes que orientam a volta às aulas. São recomendações, já que os estados têm autonomia para decidir.

Mozart explica que foram colocadas grandes diretrizes porque o país é desigual e cada estado está em uma situação diferente, o que impede a adoção de uma norma única. "Entendemos que é melhor dar mais autonomia e atender a necessidade de todos."

Reabertura das escolas



Entre os estudantes, 30% querem escolas abertas

O maior apoio à reabertura das escolas está entre os apoiadores de Bolsonaro

Em segundo lugar a favor da volta presencial às aulas, estão os que não se isolaram

As mulheres apoiam menos a reabertura do que os homens

Mulheres 18
Homens 26

Fonte: Pesquisa Datafolha

O documento recomenda que escolas evitem a reprovação dos estudantes, sugere a possibilidade de aumentar os dias letivos do calendário escolar de 2021 e prevê flexibilidade para escolas particulares e públicas. "As privadas têm mais estrutura para voltar e problemas contratuais concretos para levar em consideração", afirma Mozart.

Pesquisa do Datafolha, que ouviu 2.016 pessoas de todo o país nos dias 23 e 24 de junho, mostrou que 76% dos brasileiros acreditam que as escolas devem continuar fechadas nos próximos dois meses. Em todas as faixas etárias e de renda, e em todas as regiões do país, a maioria da população defende que as aulas presenciais ainda não sejam retomadas.

Em São Paulo, a previsão de retomada é 8 de setembro, desde que todo o estado esteja durante pelo menos 28 dias na fase amarela do plano de reabertura — a terceira, de um plano de cinco fases, que permite funcionamento de bares, restaurantes e salões de cabeleireiros, comércio de rua, shoppings e escritórios.

No país, quase todas as escolas estão fechadas. Em Manaus, algumas particulares retornaram às atividades na segunda-feira (6). Na Creche Escola Bebê Bombom, 73% dos alunos compareceram às aulas — as turmas foram divididas pela metade e os funcionários usam um aparelho para aferir a temperatura corporal das crianças, que têm entre três meses e seis anos.

O prefeito de Duque de Caxias (RJ), Washington Reis, publicou um decreto que permitia o retorno da rede privada mas, na quarta-feira (7), a Justiça suspendeu a decisão. O diretor de ensino e in-

vações educacionais no SAS, Ademar Celedônio, chamou a atenção para o risco de haver um aumento da desigualdade, já que algumas escolas particulares têm mais condições de fazer um retorno seguro. Ele citou Singapura como um bom exemplo, onde escolas ficaram abertas para estudantes cujos pais trabalham em serviços essenciais e não podiam ficar em casa.

Foi consenso entre os convidados de que o país carece de uma liderança e que falta diálogo entre as duas pontas mais importantes nesse processo: os ministérios da Educação e da Saúde. "A gente não tem uma coordenação estrutural no país. Começamos a ver a reabertura de escolas em algumas regiões do país e até nos perguntamos se está na hora mesmo de voltar", afirma Ademar.

Mozart adotou a mesma linha: "Esperamos que tenhamos um ministro da Educação que tenha paz para trabalhar sem ser atrapalhado pela ala ideológica do governo atual."

Fábio Aidar, diretor do Colégio Santa Cruz, que tem 3.200 alunos (2.600 no diurno e 600 no noturno) em São Paulo, alerta para a necessidade de dar atenção ao aspecto socioemocional. "Vamos cuidar da motivação dos alunos, retificar se o estudante ficou defasado ao acompanhar a aula no ambiente virtual."

Aidar diz que estudos mostram que a diferença entre os alunos com melhor e com pior desempenho tende a aumentar numa situação de aulas remotas. Apesar das perdas, o diretor busca ser otimista ao pensar nos aprendizados e na criatividade dos professores e das instituições para dar continuidade às aulas. "A escola se aproximou das famílias, coisa que não tínhamos no passado, educadores ficaram mais colaborativos, houve trocas entre as escolas, tudo ficou mais solidário", afirma.

Claudia Costin concorda. "A escola do futuro vai se construir com a experiência da pandemia. A humanidade aprendeu muito nas crises e elas muitas vezes foram alteradoras de futuro."

Mozart resume bem o tom geral do debate: "Este não será um ano perdido. Estamos construindo algo que jamais imaginávamos, e aprendendo habilidades e competências".



“Eu gostaria de ter um professor que me fizesse pensar fora da caixa, criativo, que me levasse à pesquisa, a inovar”

Mozart Ramos
membro do Conselho Nacional de Educação

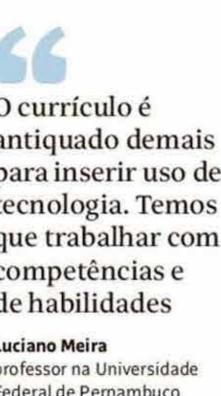
“O desaparego à escola conhecida e a imersão no ambiente virtual têm sido fundamentais para que façamos um bom ano letivo online”

Esther Carvalho
diretora-geral do Colégio Rio Branco, de São Paulo



“O currículo é antiquado demais para inserir uso de tecnologia. Temos que trabalhar com competências e de habilidades”

Luciano Meira
professor na Universidade Federal de Pernambuco



“A recomendação se inverteu. Se o aluno chegar hoje ao colégio, talvez ele encontre um aviso de 'proibido entrar na escola, use o celular'”

Caê Lavor
gerente-executivo de avaliações e conteúdo digital no SAS



Escola precisa de currículo flexível para progredir em tecnologia

Professor não resiste ao uso de novas ferramentas; a dificuldade é adaptar os programas, apontam debatedores

SÃO PAULO Embora pareça que os professores são resistentes ao uso da tecnologia, na verdade, o currículo engessado muitas vezes é a principal causa na demora à introdução de novos instrumentos de ensino nas escolas. Essa foi uma das conclusões do Seminário Escola do Futuro, promovido pela Folha, nos dias 6 e 7 de julho, em formato online, com patrocínio do Grupo SAS.

A necessidade de isolamento diante da pandemia empurrou as escolas para aulas virtuais, sem tempo para planejamento. "O que os colégios estão fazendo não é EAD (ensino a distância) nem homeschooling (educação sem escola). São improvisações que se mostraram necessárias", disse Fábio Aidar, diretor do Colégio Santa Cruz, em São Paulo, e membro do Conselho Estadual de Educação.

Mas a tecnologia, que entrou de supetão no cotidiano de alunos e professores, veio para ficar. O que se discute é a melhor forma de incorporá-la.

Na visão de Luciano Meira, sócio-fundador da empresa de tecnologias educacionais JoyStreet, o currículo ainda domina a atividade do docente. "Não é que ele não queira usar a tecnologia, o currículo é antiquado demais para inseri-la. A gente tem que fazer uma transformação digital na escola para que se deixe de entregar apenas conteúdo e se passe para uma oferta de experiências significativas", defendeu.

Esther Carvalho, diretora do colégio Rio Branco, em São Paulo, concorda com Meira. "Essa escola de 200 anos [atrás] ainda está impregnada na nossa alma de professor, aluno, comunidade. Não é incomum ouvir alguém falar 'colegial', 'ginásio'. O processo de resistência da escola é muito verdadeiro."

À frente do Rio Branco, que tem cerca de 2.300 alunos em duas unidades, Esther conta que foi necessário adaptar-se às pressas. "Rapidamente percebemos que o ano letivo tal como conhecemos não existia mais. Era necessário reorganizar e reestruturar esse tempo a partir das necessidades. Tivemos que avançar alguns anos em poucos meses", disse.

No colégio, há momentos coletivos, com sala de aula completa, mas também atividades com grupos menores para reforçar vínculos. "Nos sites que usamos, se originalmente era mais para a família do que para a criança, agora invertemos, é uma interface para o aluno", explica a diretora.

Caê Lavor, gerente-executivo de avaliações e conteúdo digital no SAS, ressaltou que, nesse momento de transição, é preciso refletir sobre como preparar os alunos para um futuro que ainda não conhecemos. "Quando se fala de escola do futuro, a ideia é o aluno vivenciar experiências, se envolver com problemas reais, que impactem na sociedade, e não somente contar histórias de cientistas do século 17 ou 18. Essas duas coisas têm que conviver em harmonia", disse.

Para Lavor, a formação universitária dos futuros professores precisa caminhar nessa direção. "Nenhum médico sai

da universidade só com formação teórica, mas nossos graduados em pedagogia estão se formando muitas vezes sem ter dado uma aula."

O SAS é um sistema e uma plataforma de educação que desenvolve conteúdo e presta serviço para mais de 800 escolas no Brasil.

Quando as aulas foram suspensas, a empresa criou o SAS ao vivo. Foi disponibilizado, gratuitamente, nas redes sociais e no canal do youtube, vídeo-aulas com conteúdo para estudantes desde o ensino fundamental até o ensino médio.

Gil Giardelli, professor de MBA e especialista em inovação digital, que se define como um "tecnootimista", prevê o que ele chama de "uma nova era da educação".

Nesse futuro, o ensino poderá ocorrer em qualquer lugar graças a tutores com inteligência artificial e a tecnologias educacionais.

Giardelli usa como exemplo um robô utilizado nas escolas municipais de Recife que ajuda estudantes autistas a desenvolver suas habilidades cognitivas.

Outro exemplo citado por Giardelli foi o Pepper, robô que consegue memorizar os rostos dos alunos, gravar como eles se posicionaram em relação ao que foi discutido e também alerta o professor se ele está repetindo assuntos durante a aula.

Lavor aproveita para reforçar uma premissa importante: "Tecnologia não pode ser o fim, ela é um meio para que a gente consiga atingir o aluno e evoluir com as competências e habilidades necessárias".

30% dos alunos que prestam Enem não têm acesso à internet

Mas como falar em robôs em um país com tamanha desigualdade como o Brasil, onde muitos alunos sequer têm uma boa conexão?

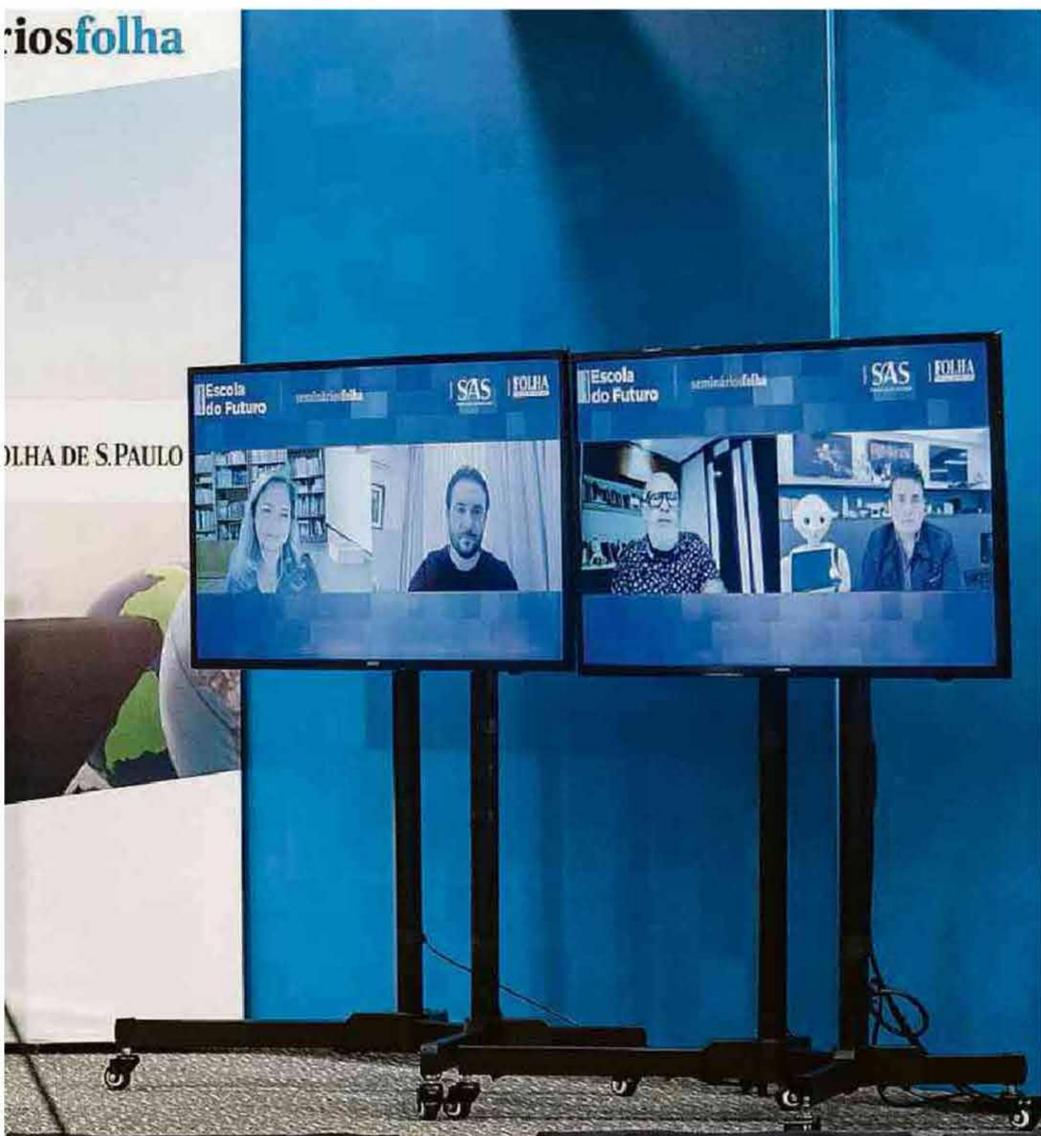
Uma análise no perfil de participantes do Enem de 2018, os mais atuais disponíveis, mostra que 3 em cada 10 participantes que concluíram o ensino médio na rede pública naquele ano não tinham acesso à internet. Na escola privada, apenas 3,7% disseram não ter internet em casa.

"Um dos legados dessa pandemia será a urgência de resolvermos o enorme fosso social. E não importa o quanto de dinheiro que você tem na conta, todos foram atingidos", afirma Giardelli.

Luciano Meira sugeriu uma ideia utópica, como ele descreve. Empresas de tecnologias e até pequenos comércios poderiam compartilhar a senha do wifi para que jovens estudantes possam trabalhar.

"Num contexto desse [pandemia] há uma defasagem cada vez maior que constata o que já sabemos: é necessária uma política de estado que passe pela educação e pela infra-estrutura. Isso demora 20, 30 anos, que nós não temos", diz a diretora do Rio Branco, Esther Carvalho. Manoella Smith

VEJA VÍDEOS DOS DEBATES EM BIT.LY/209622Q



A jornalista Laura Mattos faz a mediação de debate do seminário Escola do Futuro, promovido pela Folha

Keiny Andrade/Folhapress

O que dizem os internautas

"Ouvimos relatos de professoras com muita dificuldade para acessar a internet. Não há resistência ao uso da tecnologia, mas falta infraestrutura para a professora em sua casa e no ambiente escolar. Em Minas Gerais, o governo vem pagando o mês anterior com atraso. Pairei uma insegurança quanto ao próximo salário."

Aparecida Donizetti Paes, 65, professora aposentada (Alfenas, Minas Gerais)

"Nada como o olho no olho com o aluno. Nenhum computador ou robô é capaz de substituir a ação humana, o amor de um professor pelo estudante."

Thiago Carvalho, 41, arte-educador (São Paulo, SP)

"Como possibilitar o retorno de crianças de 0 a 5 anos nesse novo normal, se elas têm, por exemplo, dificuldade de usar máscara? Lidamos com salas enormes de 35 crianças na idade de cinco anos."

Bruno Silva Ferreira, 30, professor (São Paulo, SP)

"Por 16 anos, tivemos a era ideológica. Ministro Haddad na educação por oito anos. Em um ano, e com a pandemia, o Conselho Nacional de Educação chama o governo de ideológico? Isso é tendencioso e prejudicial ao ensino. Desqualifica o Conselho."

Ronise Michele Nogueira da Rocha, 42, bacharel em direito (São Paulo, SP)

"No cenário atual, percebemos o crescente distanciamento entre os níveis de educação envolvendo os grupos mais favorecidos e a população de baixa renda. Como as instituições de ensino podem contribuir para o enfrentamento deste distanciamento, independentemente das ações governamentais?"

Paula Fisch, 63, psicóloga (São Paulo, SP)

"Precisamos de mentores e especialistas em ensino híbrido, metodologias ativas e soluções para EAD. Existem brilhantes professores, mas só o presencial não acrescenta. Sugiro garimpar outros players."

Hélio Laranjeira, 59, conselheiro do Conselho Estadual de Educação do DF (Brasília)

"Os protocolos de volta às aulas são de pleno conhecimento dos diretores das escolas, o desafio é ter recursos e pessoal para cumprir. Esse e o transporte são gargalos das escolas públicas."

Eduardo Carvalho, 66, diretor da Associação Brasil América (Recife, PE)

"Como, no novo conceito de currículo, que não deve ser apenas conteúdo, ensinar aquilo que é cobrado nos acessos à universidade? Hoje se fala muito em ofertas de experiências significativas, onde se dá vazão às habilidades socioemocionais, mas como fazer isso, se há essa prontidão do vestibular, que muitos esperam?"

Vilma Acácia, 39, professora (Coroatá, Maranhão)

"O que precisa ser feito para que as novas tecnologias não ampliem o abismo entre a educação das classes favorecidas, que tem acesso a todos esses recursos, e a população de baixa renda, que está na escola pública e muitas vezes nem tem acesso adequado à internet?"

Raul França, 28, doutorando em educação (Campinas, SP)

"Gostei do seminário. Muito elucidativo. Abordou de forma prática os prováveis problemas que vamos enfrentar na fase pós-pandemia."

José Carlos Orosco Roman, 64, coordenador pedagógico (São Paulo, SP)

"Os professores podem e devem tornar a aula mais contemporânea e interessante com o uso da tecnologia."

Cecília Olmos, 41, paisagista (São Paulo, SP)

"Aqui em Viçosa do Ceará, nas praças principais, tem wi-fi liberado, mas os jovens usam para jogar online e nas redes sociais. A ferramenta é muito boa, mas instrução de como utilizar a tecnologia é essencial."

Ádria Dhome Silva Monteiro, 25, professora (Viçosa do Ceará, CE)

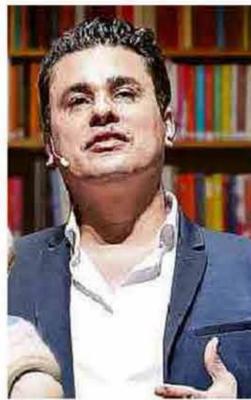
Na pandemia, a escola entrou na casa dos alunos. Muitas famílias valorizaram o trabalho escolar que não conheciam em profundidade

Fábio Aidar, diretor do Colégio Santa Cruz, de São Paulo



O educador precisa ajudar o jovem a experimentar a desconexão. A maioria repete os pais e fica muitas horas conectados

Gil Giardelli, professor de MBA e especialista em inovação digital



É preciso fazer avaliações de retorno para entender onde estão as aprendizagens das crianças e tentar tirar as diferenças

Ademar Celedônio, diretor de ensino e inovações educacionais no SAS



No retorno, é importante acolher os professores, fazer uma catarse do que foi viver essa época, dos aprendizados que eles tiveram

Claudia Costin, diretora do Centro de Políticas Educacionais da FGV

